

1 INTRODUÇÃO

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo e sua história pode ser dividida em cinco períodos distintos: Antiguidade, Idade Média, Escolas Públicas Inglesas, Futebol Moderno e Internacionalização. Cada período registrou acontecimentos marcantes em sua evolução (HOUSSAIS, 1976, cit. por CHAGAS; ROSA, 1998). Historiadores datam o nascimento do Futebol Moderno na Inglaterra em meados do século XIX, mais precisamente no dia 26 de outubro de 1863. Nessa época começou-se a preocupar com a unificação das regras (CHAGAS; ROSA, 1998).

No Brasil, o futebol passou por fases distintas. A primeira (1894 – 1904) ficou caracterizada como a fase da introdução do futebol no país. Nesse período criaram-se os primeiros clubes urbanos e o esporte era praticado pela classe elitista. No início do século XX (1905 – 1933), a fase do amadorismo era símbolo de distinção social. Somente na década de 30 (1933 – 1950) o futebol veio a se profissionalizar, caracterizando a fase da democratização e profissionalismo. No mundial de 1950 o futebol brasileiro ficou conhecido pela astúcia, improviso, elasticidade, individualidade e criatividade de seus jogadores, caracterizando na época, o “futebol arte”. Nessa fase (1950 – 1970), ocorreu um período chamado de reconhecimento internacional e comercialização do futebol, que se concretizou em 1970. A partir daí, houve um aumento em investimentos financeiros e de mídia televisiva, e gradualmente o futebol alcançou rumos mercadológicos inimagináveis. Surgiu então, a era da modernização do futebol. (RODRIGUES, 2007)

O progresso da modalidade exigiu uma maior eficiência física, tática, técnica, e psicológica dos atletas (FERNANDES, 1994). Atualmente tanto o meio acadêmico quanto o profissional concordam em referir que o rendimento de uma equipe depende da interação destas capacidades (GIACOMINI; GRECO, 2008). Entretanto, o aspecto tático das equipes vem se constituindo num fator importante para a obtenção de sucesso (FERNANDES, 1994).

Outro fator não tão menos importante para o alcance do sucesso no âmbito esportivo é a análise de jogo. Garganta e Gréhaigne (1999) compreendem que este vem se constituindo um argumento de crescente importância.

Garganta (2001) ainda afirma que para a otimização do rendimento dos jogadores e das equipes o processo de recolher, coleccionar, tratar e analisar os dados obtidos a partir da observação do jogo, assume-se como um aspecto de suma relevância.

O futebol é parte dos designados Jogos Esportivos Coletivos (JEC), e dentro destes, dos denominados de invasão, neles a utilização do espaço é comum, sendo que podem-se apresentar áreas proibitivas, ou no caso de futebol a lei de impedimento. Nestas modalidades as ações dos jogadores ocorrem de forma simultânea (ataque e defesa). Nos JEC, a dimensão tática é determinante para a coordenação entre os elementos de uma equipe, com vista a atingir determinados objetivos (CARDOSO, 2006).

Garganta (1997) assegura que nos JEC a tática é dimensão nuclear, ao contrário do que acontece em outras modalidades de carácter energético-funcional ou ainda de carácter técnico combinado. Contudo, os estudos realizados ao nível do Futebol têm sido prioritariamente em outras dimensões em detrimento da tática.

Oliveira (2004) entende por tática o resultado da interação entre diferentes dimensões: técnica, física e psicológica. Ele ressalta que a dimensão tática só se evidencia com manifestações das demais dimensões, ou seja, a tática por si só não existe. Souza, Paula e Greco (2000) afirmam que:

“a tática é uma capacidade senso-cognitiva, baseada em processos psicofisiológicos de recepção, transmissão, análise de informações, elaboração de uma resposta até a execução da ação motora, concretizada com o emprego de uma técnica específica, ou seja, possibilidades de tomadas de decisão ou de escolhas de alternativas, baseadas em conhecimentos previamente adquiridos, que permitem resolver situações-problemas que o atleta encontra numa situação de jogo”. (p.12)

Tendo em vista que o objetivo do jogo é superar os adversários em número de gols o escopo do trabalho será analisar as ações ofensivas de uma equipe de futebol que participou da série A do Campeonato Brasileiro de 2011 de forma a promover um melhor entendimento da organização ofensiva da referida equipe, caracterizando assim o modelo de jogo adotado.

1.1 Justificativa

A grande exigência de rendimento nos esportes de alta competição fez com que as abordagens metodológicas se modificassem com o decorrer dos anos. Atualmente um fator importante para o desempenho esportivo é sem dúvida a análise técnica e tática de equipes esportivas, sobretudo no futebol, pois muitos detalhes passam despercebidos pelos treinadores durante um jogo. Com isso, a análise de jogo mais criteriosa permite que os treinadores foquem nos pontos fortes e fracos de sua equipe e também da equipe adversária, contribuindo para possíveis correções no processo de treinamento e nos jogos.

Esse trabalho se justifica pela contribuição à área das ciências do esporte, do treinamento esportivo e particularmente do futebol, no intuito de permitir reflexões a partir da análise de dados relacionadas a níveis de rendimento técnico-tático nessa modalidade. Portanto, se parte de uma análise de jogo (ações ofensivas) por meio instrumental de *scout*, que auxilie no trabalho dos profissionais do ramo do futebol, principalmente os treinadores, e conforme os dados obtidos na observação sejam sugeridos comportamentos à serem alcançados via treinamento para a aplicação no jogo.

1.2 Objetivo geral

Observar e analisar o nível de rendimento técnico-tático de uma equipe mineira no campeonato brasileiro de futebol de 2011.

1.3 Objetivo específico

Analisar as ações técnicas-táticas ofensivas de uma equipe mineira no campeonato brasileiro de 2011.

1.4 Delimitações

Esse estudo focará especificamente na observação e análise das ações ofensivas positivas de uma equipe Mineira no Campeonato Brasileiro de 2011.

1.5 Questões de estudo

I - Qual o nível do rendimento Técnico-tático da equipe investigada no campeonato brasileiro de 2011?

II – Quais as características do rendimento técnico-tático da equipe observada e sua relação com o resultado do jogo?

III - Quais os parâmetros que se destacam de forma positiva e negativa nos jogos analisados que permitem descrever o nível técnico-tático da equipe?

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Futebol e jogos esportivos coletivos

A literatura sobre a área Esportiva tem crescido acentuadamente, sobretudo à luz do ensino nos Jogos Esportivos Coletivos (JEC). Segundo Daolio (2002), Claude Bayer (1994) foi um dos percussores na discussão à respeito dos JEC. No seu entendimento, a técnica não deve ser o eixo principal da aprendizagem dos esportes coletivos e sim os princípios operacionais, pois são eles que facilitarão a compreensão do jogo no processo da aprendizagem.

O que em primeira instância caracteriza os JEC é o confronto entre duas equipes, ambas com um objetivo principal, a vitória. Trata-se de uma disputa incessante pelo tempo e pelo espaço, dentro das limitações impostas pelo regulamento, no sentido de que sejam realizadas as tarefas pretendidas (GARGANTA, 1997).

Para obtenção do objetivo nos JEC alguns princípios devem ser observados, assim para Bayer os esportes coletivos apresentam seis princípios operacionais divididos em dois grandes grupos (ataque e defesa). O autor preconiza que esses princípios são comuns a vários esportes coletivos. No quadro a seguir segue os seis princípios operacionais definidos por Bayer.

QUADRO 1
Princípios operacionais dos Jogos Esportivos Coletivos - Bayer, 1994.

| Princípios Operacionais | |
|---|--|
| Ataque | Defesa |
| <ul style="list-style-type: none"> - Conservação individual e coletiva da bola; - Progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário; - Finalização da jogada visando à obtenção do gol. | <ul style="list-style-type: none"> - Recuperação da bola; - Impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo; - Proteção do alvo (gol) visando impedir a finalização da equipe adversária. |

Para obter sucesso na progressão de bola e da equipe em direção ao alvo se faz necessário algumas ações individuais e coletivas, como por exemplo, criar linha de passe, colocar-se em espaços onde a bola consiga chegar, desmarcar-se do adversário, etc. (DAOLIO, 2002). Já na parte defensiva, a equipe em questão tentando evitar o avanço da equipe adversária deverá organizar-se de modo que neutralize a chegada do adversário à meta defendida. Para isso é preciso que se defina o tipo de marcação, individual, zona ou mista e ainda a intensidade da marcação, pressão, meia pressão ou plantada (DRUBSCKY, 2003). Tanto para o ataque, quanto para a defesa a definição tática será de suma importância para superar o adversário.

As modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria por apresentarem características invariáveis e por serem comuns entre si: a bola (ou implemento similar); um espaço de jogo; parceiros de equipe; adversários; um alvo a atacar (e ao mesmo tempo um a defender) e regras específicas (BAYER, 1994). Além dessas características, o árbitro é um elemento em comum nos esportes coletivos, que nesses casos atuará como mediador da partida. Sua presença é fundamental para o regimento das regras, a ordem e organização do jogo. No futebol especificamente, o árbitro é alvo de muitas críticas, pois os lances muitas vezes são meramente interpretativos e geram dúvidas para o mediador durante a partida, como por exemplo, a bola batida na mão do adversário. O árbitro poderá assinalar como falta ou como “bola na mão”, de acordo com a intenção do jogador e de acordo com a interpretação do árbitro.

O jogo de Futebol é uma atividade que apresenta situações diversas e descontínuas exigindo do jogador participante um grande potencial de criatividade na solução de tarefas e problemas do jogo. Os praticantes dessa modalidade devem responder de uma forma ajustada e integrada com os objetivos do jogo e atingir em cada uma das fases (ataque e defesa) os melhores resultados parciais para finalmente chegar à vitória no confronto. Nesse esporte, tanto no ataque quanto na defesa, oposição e cooperação são tarefas básicas reversíveis, e as mudanças que o jogo vai experimentando resultam da forma como ambas as equipes se relacionam através da cooperação e adversidade, em função do objetivo do jogo (GARGANTA, 1997).

Moreno (1994) insere o Futebol no grupo de desportos de cooperação-oposição, nos quais as ações de jogo são resultantes das interações entre os participantes, há um espaço comum, onde as equipes se confrontam, conseqüentemente há uma participação simultânea dos jogadores/equipes. Este autor considera à cooperação o papel primordial enquanto fator configurador da especificidade dos JEC.

2.2 Características do futebol

O Futebol é um jogo disputado entre duas equipes com um total de 22 jogadores divididos igualmente entre as equipes dispostos em um campo de tamanho exato ou aproximado (120m x 90m) de comprimento e largura respectivamente. Cada equipe entra com 10 jogadores na linha e um jogador no gol (fundamental para defender especificamente a meta do jogo). Os outros dez jogadores são distribuídos no campo de acordo com as necessidades do jogo e intenção do treinador. Assim cada equipe tenta superar seu adversário da melhor forma possível. O tempo de duração de uma partida de futebol gira em torno de 1 hora e 30 minutos, sendo 45 minutos no primeiro tempo e 45 minutos no segundo tempo, tendo ainda um intervalo 15 minutos entre os tempos para o descanso dos jogadores, bem como para ajustar os erros ou ainda reformular a forma de jogo. Além disso, cada tempo poderá sofrer um acréscimo em minutos dependendo das paralisações ocorridas na partida, mas geralmente o tempo de acréscimo gira em torno de 1 a 5 minutos.

Enquanto uma tenta alcançar o objetivo do jogo, que é marcar o gol na baliza do adversário, outra equipe tenta simultaneamente impedir o adversário de alcançar sua meta. O jogo então se sucede em ataques e defesas (WADE, 1978 apud GARGANTA, 1997). Além disso, é uma modalidade esportiva coletiva de alta complexidade, pois exige do jogador a interação de diversos componentes na busca pelo alto rendimento, uma delas é a dificuldade no transporte da bola, pois as ações são realizadas de forma pedálica, ou seja, de forma contínua. Outra dificuldade do jogo é a regra do impedimento que não permite que os jogadores de ataque levem vantagem sobre os jogadores de defesa. Essa regra é extremamente importante

para a dinâmica do jogo, pois evita que os jogadores participem de uma forma passiva.

Bangsbo (2002) afirma que as exigências do futebol podem dividir-se em quatro componentes: físicas, sócio-psicológicas, técnicas e táticas. Corrêa *et al.* (2002) corroboram dizendo que esses fatores influenciam na performance dos atletas.

O jogador diferenciado consegue interagir bem todos esses elementos, tendo uma boa compreensão tática, sendo mentalmente equilibrado, adquirindo uma habilidade técnica apurada, relacionando-se bem com os companheiros de equipe e tendo um condicionamento físico adequado para o referido esporte (BANGSBO, 2002). Devido a essas e outras variáveis, o futebol assume características particulares no âmbito dos Jogos Esportivos Coletivos (JEC), tornando-o um esporte apreciado por muitos devido a sua imprevisibilidade.

2.2.1 Componente físico e sistemas energéticos

A globalização no esporte, em especial o futebol, tem exigido dos atletas altas performances, ou seja, algo parecido com um “super-homem” da bola. Comparando a décadas passadas, esse esporte está mais veloz e intenso, o que implica em um excelente condicionamento físico por parte dos atletas para suportar as cargas dos treinamentos e jogos. Para a manutenção de um bom desempenho, o jogador atual deve ter força, velocidade, resistência e flexibilidade, de forma harmônica e conjugada, entretanto, é importante lembrar que essas capacidades devem ser respeitadas conforme a especificidade da modalidade (SILVA *et al.*, 1997).

Segundo Cancian *et al.* (2010), o futebol é um esporte caracterizado por esforços intermitentes, com a combinação de movimentos cíclicos e acíclicos, com repetidas mudanças de intensidade.

Santos e Soares (2001) colocam que o futebol é um jogo extremamente complexo do ponto de vista fisiológico, pois o esforço utilizado durante uma partida de futebol é completamente diversificado. Com isso, fontes energéticas distintas são requeridas durante uma partida de futebol. De fato, o futebolista, ante à natureza intermitente do seu esforço e a ampla faixa de intensidades, tem de privilegiar no seu treino aspectos tão distintos como o desenvolvimento da força explosiva, da velocidade, da resistência anaeróbia e aeróbia.

No plano fisiológico, cada jogador é intensamente solicitado em torno de 13 a 15% da duração de uma partida, e isso pode variar de jogador para jogador de acordo com a posição em que ocupa. As ações mais determinantes para a conclusão de uma jogada é inserida nesses breves períodos de estímulos intensos. A recuperação entre os *sprints* ou corridas intensas, são também muito variáveis, podendo o atleta ficar de 6 segundos para intervalos mais curtos à 1 minuto e 48 segundos para intervalos mais longos. Futebolistas que possuem uma alta potência aeróbia e uma capacidade elevada de consumo de oxigênio no limiar anaeróbio (LA) são capazes de tolerar a longa duração de uma partida, com maior eficiência de movimento (CAMPEIZ, 2001).

De acordo com Bangsbo (1994), o treinamento aeróbio pode melhorar o potencial de um jogador de modo que o mesmo consiga manter uma alta taxa de trabalho global durante uma partida. Além disso, pode minimizar a queda do desempenho técnico e reduzir lapsos de concentração, induzida por fadiga no final de um jogo. Já com o treinamento anaeróbio consegue-se aumentar o potencial dos jogadores para realizarem exercícios de alta intensidade durante um jogo. O autor preconiza que ambas as capacidades são importantes para o desempenho no futebol, sendo predominante a solicitação da via aeróbia, mas é por meio da via anaeróbia que se consegue os resultados de uma partida, sendo essa via determinante para a modalidade.

2.2.2 Componente social-psicológico

A Psicologia do Esporte é a ciência que estuda o envolvimento de pessoas e seus comportamentos no contexto do esporte ou atividade física bem como a aplicação desses conhecimentos (SAMULSKI, 2002).

O esporte evidencia em nossa sociedade uma grande popularidade, destaca-se as mais diversas modalidades esportivas. Com isso várias áreas e vários profissionais, têm contribuído com investigações direcionadas a melhoria do nível de rendimento dos atletas. Hoje em dia, várias modalidades apresentam uma equipe multidisciplinar composta por preparadores físicos, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, etc. Particularmente uma área de destaque na obtenção da melhora esportiva é a Psicologia do Esporte. O psicólogo do esporte tem se tornado um aliado muito forte para o sucesso dos atletas e das equipes (MARQUES, 2000).

Atualmente, os clubes têm valorizado os aspectos psicológicos do jogador via a necessidade de buscar um equilíbrio mental do atleta. Elementos como a disciplina, conduta, responsabilidade e autoconfiança passou a ser fator importante na definição da contratação de um atleta. Além dos aspectos físicos, técnicos, táticos, é preciso também que o indivíduo tenha consciência e maturidade dentro e fora de campo nas suas ações (CORREA *et al.*, 2002). Nesse momento o perfil psicológico do atleta poderá influenciar positivamente ou negativamente na vida do indivíduo.

2.2.3 Componente técnico-tático

2.2.3.1 Técnica

Moreno (1994) relata que a técnica há tempos foi considerada como elemento fundamental e básico para a configuração e desenvolvimento da ação de jogo nos desportos de uma equipe.

No domínio do desporto, as designadas técnicas do corpo, ou seja, as diferentes formas de utilizá-lo permitem lidar de forma eficaz diante dos constrangimentos impostos por determinadas características dos desportos. O corpo é o primeiro instrumento de que o homem dispõe, ele constitui, um tempo, objeto e meio técnico (Mauss, 1980).

A técnica é imprescindível para um ótimo rendimento dos futebolistas. Embora a leitura de jogo seja importante para uma tomada de decisão, a solução dessa ação a ser exigida se dará pelo número de recursos motores específicos que o jogador possuir ou for capaz de desenvolver. Assim ele terá mais probabilidade de obter o sucesso no momento em que for materializar a ação, ou seja, de definir a solução (COSTA *et al.*, 2010).

Por intermédio da técnica, o jogador procura melhorar as condições de realização de determinada tarefa de modo a conseguir o máximo rendimento desportivo. (BAYER,1994).

Greco (1995) fala que em uma situação de jogo, é importante que o atleta execute a técnica com qualidade, que significa que os programas motores que ele tenha adquirido devem ser o suficientemente estáveis. Além da qualidade na execução, o atleta deve dispor de um grande repertório de variações da técnica básica, para não ser pego de surpresa em um fato inesperado. A técnica vai determinar como é que a ação motora será executada.

Greco e Benda (1998, p. 55) definem técnica como “a interpretação, no tempo, espaço e situação, do meio instrumental operativo inerente à concretização da resposta para a solução de tarefas ou problemas motores”.

Para Nunes, Brandão e Janeira (2004), a literatura tem se referido às habilidades técnicas como um recurso muito importante na área do desempenho esportivo, pois, é através delas que a inteligência e a intencionalidade tática vão se exteriorizar e materializar. Quanto mais treinado tecnicamente, melhor será o foco de atenção do atleta para analisar as situações de jogo e conseqüentemente, melhor será sua tomada de decisão.

QUADRO 2

Exigência técnica básica do futebolista em relação à função tática envolvida (CHAGAS; ROSA, 1998)

| ATAQUE | DEFESA | GOLEIRO |
|---|--|---|
| <p>1 – Ações motoras sem bola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Corrida em linha reta com mudança de direção. • Deslocamentos de frente, costas e lateral. • Corridas e deslocamentos com freadas bruscas / giros / saltos. <p>2 – Ações motoras com bola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Condução <ul style="list-style-type: none"> - Trajetória - Toque • Passe <ul style="list-style-type: none"> - Quanto à bola - Quanto ao executante - Quanto à distância - Quanto à trajetória - Quanto ao toque • Chute <ul style="list-style-type: none"> - Quanto à bola - Quanto ao executante - Quanto ao tipo - Quanto à trajetória - Quanto ao toque | <p>1 – Ações motoras</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deslocamentos <ul style="list-style-type: none"> - frente - costas - laterais - com mudança de direção • Saltos • Giros <p>2 – Uso do corpo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proteção da bola (bloquear) <p>3 – Tomada da bola:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Antecipação <ul style="list-style-type: none"> - passe - jogador • Disputa da bola <ul style="list-style-type: none"> 1ª Fase: Aproximação <ul style="list-style-type: none"> - frente - diagonal - atrás | <p>1 – Ações motoras</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deslocamentos para frente, para trás, para os lados. • Saltos. • <i>Sprints</i>. <p>2 – Técnicas para segurar a bola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bolas rasteiras, meia altura e altas. <p>3 – Reposição da bola em jogo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quanto à distância (curta, média e longa). • Quanto à trajetória: rasteira, parabólica. • Quanto ao toque: pé e mãos • Quanto à bola: parada, em movimento. |

| | | |
|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Drible <ul style="list-style-type: none"> - Quanto à bola - Quanto ao executante - execução • Recepção <ul style="list-style-type: none"> - Quanto à trajetória da bola - Quanto ao toque - Quanto ao executante | <p>2ª Fase: Abordagem</p> <ul style="list-style-type: none"> - de frente - por trás - de lado - acompanhamento <p>3ª Fase: Desarme</p> <p>4- Cobertura do companheiro</p> | <p>4 – Saída do gol</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fora da área: com o pé, cabeça. • Dentro da área com as duas ou uma das mãos: socar, agarrar ou desviar. <p>5 – Queda</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bola rasteira, meia altura ou alta. <p>6 – Espalmar a bola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Com as duas ou uma das mãos. • Mão trocada. • Bolas rasteiras, meia altura e altas. |
|---|---|---|

O QUADRO 2 faz referência aos aspectos técnicos que os jogadores executam, em relação à função da tática que ocupam no campo. Além disso, os aspectos táticos foram separados pelas ações ofensivas e defensivas. O goleiro também foi separado por possuir características totalmente distintas em relação aos outros atletas. A começar, é o único jogador que pode colocar a mão na bola estando dentro da área restrita para essa função (GRECO, 1998).

2.2.3.2 Tática

Pablo e Benda (1998, p.59) considera por tática o “sistema de planos de ação delimitados pelo espaço, tempo e situação que provoquem tomadas de decisão, as quais objetivam a estruturação de ações motoras direcionadas à obtenção da meta desejada”.

As capacidades táticas estão em direta relação de interdependência e em interação com outras capacidades, tais como, cognitivas, técnicas e físicas. Nos JEC, em uma situação de jogo, a tática inter-relaciona diversos fatores tais como: espaço, tempo, bola, colega e adversário, que pode representar para o atleta, uma tarefa ou um problema a ser resolvido (GRECO; BENDA, 1998).

A tática apresenta-se como forma de resolução de problemas que o atleta enfrenta em forma de situação de jogo. Faz-se necessário coordenar as ações entre atacantes e defensores de modo que o objetivo do jogo seja alcançado, mas para isso, é preciso que haja um sistema de comunicação eficaz de modo que se organizem as ações individuais, grupais e coletivas. (SOUZA; PAULA; GRECO, 2000).

A ação tática de um atleta, visando um objetivo específico, constituída de um ato orientado e consciente permite limitar as ações do adversário e tornar possíveis suas próprias ações motoras. Então, todos os fatores que se inter-relacionam e fazem parte das situações de jogo, que por sua vez gera um problema a ser resolvido definem a trilogia espaço – tempo – situação como componentes importantes da capacidade tática (SOUZA; PAULA; GRECO, 2000).

A tática no futebol é composta por ações ofensivas e defensivas que caracterizam o jogo e são dependentes de ações individuais, grupais e coletivas por parte dos atletas (MELO; PAOLI; SILVA, 2007).

QUADRO 3

Análise das ações táticas de acordo com as funções: ataque, defesa e goleiro; e as características: individual, grupo e conjunto (CHAGAS; ROSA, 1998).

| FUNÇÃO | | |
|---|--|---|
| INDIVIDUAL | | |
| DEFESA | ATAQUE | GOLEIRO |
| <ul style="list-style-type: none"> • Marcação à distância • Fases da tomada de bola • Antecipação • Acompanhamento • Evitar a progressão • Levar o adversário a uma posição desfavorável | <ul style="list-style-type: none"> • Passar • Chutar • Driblar/Fintar • Desmarcar-se • Deslocar-se | <ul style="list-style-type: none"> • Defender das diferentes formas (ex.: Bolas altas, baixas, laterais e frontais) • Defender de diferentes tipos (ex.: mão trocada, com encaixe, socando) • Saída de bola • Saída de gol • Colocação no gol. |
| GRUPO | | |
| DEFESA | ATAQUE | GOLEIRO |
| <ul style="list-style-type: none"> • Cobertura • Tomada do homem/troca de homem • Balanço defensivo | <ul style="list-style-type: none"> • Tabela • Cruzamento • Corta-luz • Balanço ofensivo | <ul style="list-style-type: none"> • Orientação quanto ao posicionamento nas diferentes situações • Puxar o contra-ataque |
| CONJUNTO | | |
| DEFESA | ATAQUE | GOLEIRO |
| <p>Quanto ao tipo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Zona • Individual • Mista <p>Quanto ao posicionamento</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pressão • Meia pressão • espera | <ul style="list-style-type: none"> • Tática de contra-ataque • Esquema tático (ex.: 4-4-2, 4-3-3, 3-5-2) – Explorar o lado mais fraco do adversário • Jogar com o tempo | <ul style="list-style-type: none"> • Puxar o contra-ataque • Jogar com o tempo • Posicionamento nos escanteios e faltas |

O QUADRO 3 representa os comportamentos dos atletas quanto às possíveis ações para solucionar as tarefas e problemas do jogo. Essas ações podem ser divididas ainda em tática individual, tática de grupo e tática coletiva (GRECO, 1998).

Kolbe, (2006) ressalta que uma equipe com jogadores com baixo nível técnico, não poderá utilizar sistemas táticos mais complexos, uma vez que tais sistemas dependem da precisão e da manutenção do nível técnico por parte dos atletas.

Costa, *et al.* (2010), afirmam que:

“O jogador de Futebol diferenciado no plano técnico e tático é aquele que possui melhor seleção e capacidade de conexão das informações, reorganização sensorial de controle do movimento e conhecimento específico do jogo. A união destas características vai permitir-lhe jogar de forma mais dinâmica e eficaz, possibilitando variações na velocidade e realização do jogo, em conformidade com os requisitos táticos e técnicos.” (p. 45)

2.3 Análise de jogo

Segundo Garganta (1997), a literatura aponta vários conceitos para o estudo do jogo, dentre elas destacam-se observação do jogo (*game observation*), análise do jogo (*match analysis*) e análise notacional (*notational analysis*), mas a mais utilizada é a análise de jogo, devido seu alcance semântico.

É notória a evolução do nível dos sistemas utilizados nos processos de observação e análise de jogo. Nos primeiros estudos as observações realizavam-se ao vivo, eram assistemáticas e subjetivas, impressionistas. Os registros dos comportamentos dos atletas e das equipes eram realizados por meio da notação manual, ou seja, papel e lápis. O aprimoramento das técnicas utilizadas para esses fins surge no sentido de aperfeiçoar os precedentes (GARGANTA, 2001).

No entanto, muitas vezes, a estruturação dos modelos de análise do jogo é feita a partir da experiência dos analisadores e da comissão técnica, sendo que, nem sempre esses dados são analisados da maneira mais adequada e completa.

Outrora, esses modelos desenvolvidos podem vir a ser estruturado de maneira que não contemple as necessidades da equipe (LEONARDO, 2005).

Para Souza (2005), o estudo da organização do jogo de uma equipe, em Futebol, não pode restringir-se à identificação dos elementos que o constitui. É a análise do confronto, da oposição, que permite caracterizar os princípios e os fatores de jogo.

A informação recolhida a partir da análise do comportamento dos atletas em contextos naturais (treino e competição) é atualmente considerada uma das variáveis que mais afetam a aprendizagem e a eficácia da ação desportiva (HUGHES; FRANKS, 1997)

De acordo com Leitão (2001), a análise do jogo é uma ferramenta capaz de fornecer informações importantes sobre o jogo e sobre as individualidades das equipes, dando possibilidades de aumentar o conhecimento acerca do jogo. Com a análise de jogo é possível entender as relações e características de fatores ofensivos e defensivos bem como é capaz de mostrar índices relacionados à eficácia desportiva auxiliando na elaboração de planos de treinamento mais vantajosas à equipe.

3 MÉTODO

3.1 Caracterização do estudo

O presente estudo trata-se uma observação descritiva na qual tem o objetivo de descrever o nível técnico tático de uma equipe mineira de futebol no campeonato brasileiro de 2001-séria A. Laranjeira (2009) diz que:

a Metodologia Observacional trata-se de uma modalidade do método científico que se processa pela delimitação do problema, recolha e registro de dados a partir de contextos naturais. Uma das vantagens desta metodologia está relacionada com o fato de incluir o aspecto temporal de jogo, tornando possível analisar continuamente o fluxo de condutas, dentro da sessão de observação definida para recolha dos dados. (p. 45)

Os jogos foram gravados em DVD e posteriormente analisados por meio de um programa (*Dartfish*) que permite analisar as ações técnicas e táticas de equipes. As análises dos jogos ocorreram no Centro de Estudos de Cognição e Ação (CECA) do CENESP-UFMG.

3.2 Amostra

Para amostra do estudo foram utilizados 15 jogos do 1º turno do campeonato brasileiro de 2011 – séria A. As análises foram de uma equipe mineira que participou deste campeonato.

3.3 Material utilizado

Os materiais utilizados foram os DVDs com a filmagem dos jogos e o computador do laboratório (CECA) com o programa (*Dartfish*) já instalado.

3.4 Recolha e registro das imagens

O recurso de análise por meios técnicos de vídeo é uma alternativa muito utilizada por pesquisadores da área, no sentido que permite manipular a variável tempo, nos diversos momentos da partida e também permite repetir a observação de modo que pormenorize as sequências de jogo, o suficiente para minimizar os erros de análises (GARGANTA, 1997).

Contudo, os jogos gravados apresentam também pontos negativos. Como por exemplo: a filmagem realizada pela TV foca em um setor do campo, geralmente onde a bola está presente, e com isso, as movimentações dos demais participantes de uma partida fica oculta na imagem. Outro exemplo é a edição da emissora que transmite os jogos pela televisão. Muitas vezes a TV corta alguns lances da partida para mostrar lances já ocorridos, ou ainda, para mostrar a torcida, lances curiosos, dentre outros. Com isso os registros de alguns lances ficam defasados, pois dados podem ser perdidos.

3.5 Variáveis utilizadas no estudo

Semelhante ao estudo proposto por Garganta (1997), as variáveis utilizadas para esse estudo foram às mesmas do estudo do autor com exceção de algumas. Com isso as sequências avaliadas em 5 momentos pelo estudo do garganta, nesse estudo reduziram à 3 momentos como segue no quadro abaixo:

QUADRO 4
Momentos de observação e registro das categorias em estudo

| |
|---|
| 1º Momento de Observação |
| (1) Momento em tempo real e local onde a equipe passa a ter posse de bola (LAR); (2) Forma de recuperação da posse de bola (FAR); (3) Tempo de realização do ataque (TRA); (4) Tipo de Sequência (Positiva ou Negativa); (5) Resultado da Sequencia Ofensiva (Result – Êxito total, êxito parcial, sem êxito e abortado); (6) Fim da sequência (FS) |
| 2º Momento de Observação |
| (1) Número de contatos com a bola (Nct); (2) Número de passes realizados (Npr) |
| 3º Momento de Observação |
| (1) Número de jogadores que contatam a bola (NJ); (2) Número de variações de corredor na circulação da bola (NVC); |

Fonte: Adaptado de Soares (2009).

3.5.1 Explicitação das variáveis

Assim como no estudo realizado por Soares (2009), as variáveis foram divididas em 4 macrodimensões: macrodimensão tempo, macrodimensão espaço, macrodimensão tarefa e macrodimensão organização da equipe como será mostrado no quadro a seguir:

QUADRO 5
Variáveis e macrodimensões

| Macrodimensão Tempo | | | |
|-------------------------------|---------------|--|---|
| Variável | Código | Descrição | Observação |
| Tempo de realização do ataque | TRA | <p>Período de tempo que decorre entre o início do processo ofensivo (1º contato com a bola) e a sua conclusão através de:</p> <p>1 – Remate enquadrado com a baliza, o qual pode provocar pelo menos uma das seguintes situações: (I) gol; (II) defesa do goleiro; (III) interceptação de um jogador da equipe que defende e que constitua o último obstáculo móvel a transpor substituindo o goleiro da sua equipe; (IV) bola na trave.</p> <p>2 – Remate não enquadrado que implique na perda da posse de bola.</p> <p>3 – Qualquer ação que implique na perda da posse de bola, desde que respeite as condições relativas ao <i>conceito de posse de bola</i> e se desenvolva no setor ofensivo ou a partir dele.</p> | <p>Conceito de Posse de bola: Garganta (1997) afirma que uma equipe se encontra na posse de bola e conseqüentemente em processo ofensivo quando um dos jogadores respeita pelo menos uma das seguintes situações: (1) realiza pelo menos três contatos consecutivos com a bola, (2) executa um passe positivo de forma que sua equipe mantenha a posse de bola e (3) realize um remate (finalização)</p> |

| Macrodimensão Espaço | | | |
|--|---------------|---|--|
| Variável | Código | Descrição | Observação |
| Local de Aquisição ou Recuperação da posse de bola | LAR | Zona do terreno de jogo (Setor e Corredor) na qual se desenvolve a ação observada. | Subclassificação do LAR: Avançada Direita (AD); Avançada Esquerda (AE); Avançada Central (AC); Meia Ofensiva Central (MOC); Meia Ofensiva Direita (MOD); Meia Ofensiva Esquerda (MOE); Meia Ofensiva Central (MDC); Meia Defensiva Direita (MDD); Meia Defensiva Esquerda (MDE); Defensiva Central (DC); Defensiva Direita (DD); Defensiva Esquerda (DE). |
| Número de Variação de corredor | NVC | Número de vezes que, na sequencia ofensiva, a bola circula através de passe para um corredor diferente. | Tipos de corredores: Corredor Central (CC); Corredor Direito (CD); Corredor esquerdo (CE). |

| Macrodimensão Tarefa | | | |
|--|---------------|--|---|
| Variável | Código | Descrição | Observação |
| Forma de aquisição ou recuperação da posse de bola | FAR | Forma que se dá a recuperação da posse de bola. | Subclassificação do FAR: 1 - Arremesso Lateral 2 - Interceptação 3 - Tiro de canto (escanteio) 4 - Erro do adversário (ER. ADV) 5 - Defesa do Goleiro 6 - Desarme 7 - Falta do adversário 8 - Impedimento do adversário 9 - Pontapé inicial 10 - Tiro de meta. |
| Número de contatos com a bola | Nct | Número de contatos com a bola realizados por todos os jogadores intervenientes em cada sequencia ofensiva. | Foram registrados o 1º contato na bola dos jogadores participantes da Sequência Ofensiva e todos os contatos na bola do jogador que rematou a gol. |
| Número de passes realizados | Npr | Número de passes realizados em cada sequencia ofensiva. | Foram registrados somente os passes positivos, ou seja, os que deram continuidade à sequencia ofensiva. |
| Número de Jogadores que contatam a bola | NJ | Número de jogadores que participam da sequencia ofensiva. | Foram registrados todos os jogadores que contataram bola na sequencia ofensiva. |

| Macrodimensão Organização da Equipe | | | |
|--|---------------|---|--|
| Variável | Código | Descrição | Observação |
| Sequencia Ofensiva | SO | Sequência de ações ofensivas que começa no momento de recuperação da posse de bola até o momento da concretização do processo ofensivo, através da ação tática-técnica de remate enquadrada ou não na baliza. | Subclassificação da SO: Sequência Positiva (SP) Sequência Negativa (SN) |
| Fim da sequencia | FS | Forma como termina a sequência ofensiva. | Subclassificação do FS: 1 - Defesa do goleiro adversário 2 - Interceptação do adversário 3 - Erro do portador da bola 4 - Corte do adversário 5 - Falta de ataque 6 - Desarme 7 - Finalização no corpo do adversário 8 - Finalização para fora 9 - Bola fora 10 - Impedimento 11 - Trave 12 – Gol |
| Resultado da sequencia ofensiva positiva | Result | Sequências analisadas em função de seu resultado, ou seja, que terminam com êxito total, êxito parcial, sem êxito e abortadas. | Resultados da Sequencia Ofensiva Positiva: Abortada; Sem Êxito; Êxito Parcial e Êxito Total. |

Fonte: Adaptado de Soares (2009)

Todos os dados supracitados foram editados e registrados pelo programa (*Dartifish*) e transportados para uma planilha de Excel perfazendo um total de 10 variáveis analisadas.

3.6 Tempo para a análise dos jogos

Foram analisados ao todo 15 jogos do 1º turno do campeonato brasileiro. A duração das análises girava em torno de 6 à 8 horas de análise por partida. Essa discrepância de horas por partida se deu por alguns fatores, tais como: a melhora da eficácia do avaliador à medida que aumentava a prática das análises, as características de cada adversário que dificultava a posse de bola da equipe avaliada e com isso diminuía o número de ações ofensivas e a oscilação do tempo disponível para as análises.

Ao final da pesquisa foi estimado um tempo de 6.300 minutos em análises, cerca de 7 horas de análise por partida. Vale ressaltar que as imagens observadas foram passadas em movimentos lentos (de 0,3 a 0,5 segundos) a fim de reduzir erros na observação.

3.7 Estatística

Para o tratamento estatístico do estudo foram utilizados a Média, Desvio Padrão e Percentagem. Será realizada uma análise descritiva de dados extraídos de uma planilha do Excel, na qual foram registrados os dados referentes às análises colhidas para o estudo. Não será realizada nenhuma análise comparativa nesse estudo.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Baseado nos dados estatísticos analisados, a proposta é traçar um perfil do nível técnico-tático da equipe em estudo. Acerca da quantidade de jogos realizados (15 jogos do primeiro turno) e o número de variáveis analisadas (10 ao todo) suponho que no final das análises seja possível caracterizar de um modo geral a forma como essa equipe constrói o processo ofensivo.

4.1 Análise das variáveis

As variáveis utilizadas nesse estudo dividem-se em variáveis qualitativas que são: Sequência Ofensiva (SO), Fim da Sequencia (FS), Resultado da Sequência (Result), Local de Aquisição e Recuperação da posse de bola (LAR); Forma de aquisição e recuperação da posse de bola (FAR); e variáveis quantitativas: Tempo de realização do ataque (TRA), Número de variação de corredor (NVC), Número de contatos com a bola (Nct), Número de passes realizados (Npr) e Número de jogadores (NJ).

4.1.1 Sequência Ofensiva (SO)

Nos jogos analisados, verificamos que a equipe estudada obteve um total de 1230 sequências ofensivas. As sequências ofensivas foram subdivididas em sequências positiva (SP) e sequências negativas (SN), onde foi possível observar uma predominância significativa das sequências positivas, correspondendo a um total de 88%, contra 12% das sequências negativas, conforme a tabela e o gráfico abaixo.

TABELA 1
Tipo de Sequência

| Tipo de Sequencia | Quantidade | Porcentagem |
|-------------------|------------|-------------|
| SP | 1083 | 88% |
| SN | 147 | 12% |
| TOTAL | 1230 | 100% |



GRÁFICO 1 – Tipo de Sequência Ofensiva (TS)

Para as análises descritas abaixo foram consideradas somente as sequências positivas.

4.1.2 Fim da Sequência (FS)

O Fim da Sequência (FS) é uma variável que mostra como foi concretizada a sequência ofensiva (SO). Há várias maneiras de solidificar a SO. No gráfico abaixo será mostrado os tipos e formas de finalização da sequencia com suas respectivas porcentagem de ocorrência.

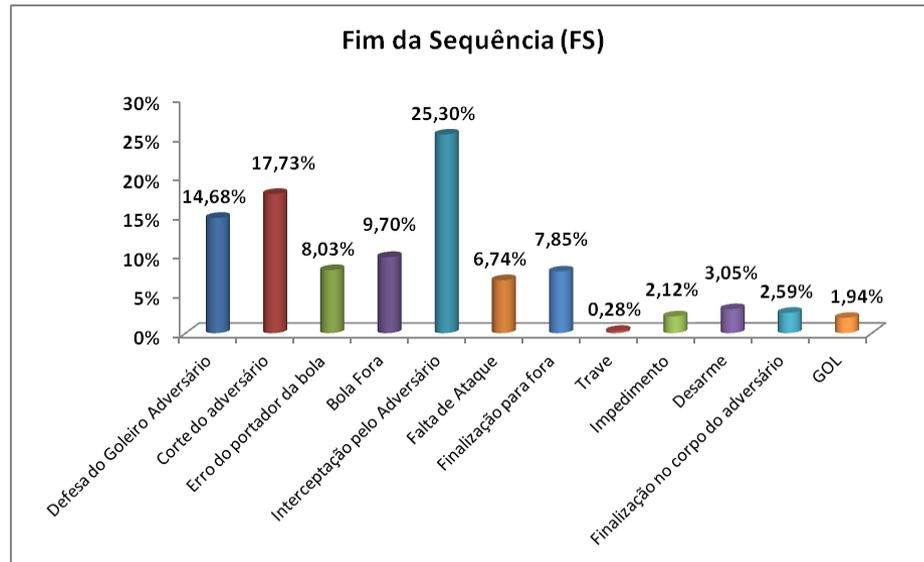


GRÁFICO 2 – Fim da Sequência (FS)

Os valores dos quadros acima demonstram substancialmente que a equipe estudada sofre muita interceptação durante a realização da sequência ofensiva, correspondendo pouco mais de 25% para essa variável. Não obstante outros fatores predominantes para o fim da sequência ofensiva se dá por corte do adversário e defesa do goleiro adversário (DGAdv) que representam aproximadamente 18% e 15% respectivamente, o que pode levar a deduzir uma possível dificuldade em concretizar os ataques em gol. Desses 15% a variável DGAdv foi classificada de duas maneiras: jogadas cuja a bola foi rematada ao gol (Êxito parcial) e jogadas cuja a bola foi recuperada pelo goleiro por intermédio de um passe mal dado ou um cruzamento em direção à área do adversário (Abortada).

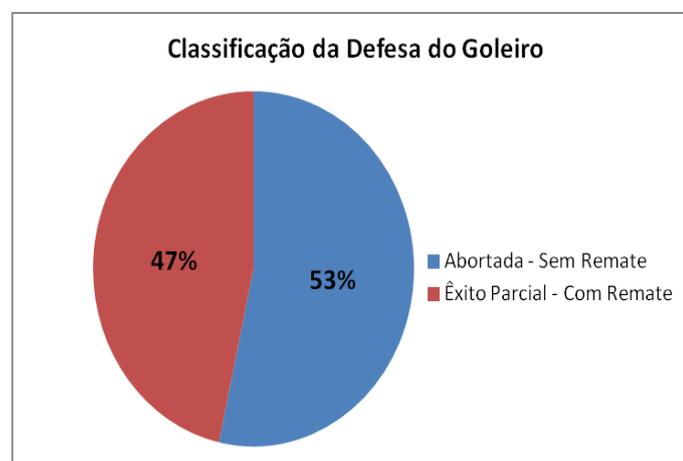


GRÁFICO 3 – Defesa do goleiro (DGAdv)

Ficou mostrado que no índice DGadv, 47% foram de bolas defendidas pelo goleiro por remate ao gol (Êxito parcial) e 53% foram de bolas defendidas pelo goleiro por um passe mal dado ou um cruzamento em direção à sua grande área (Abortadas).

4.1.3 Resultado da Sequência (Result)

As sequências ofensivas positivas dividem-se em 4 categorias: êxito total, êxito parcial, sem êxito e abortada. A seguir será demonstrado uma tabela seguida de um gráfico com os resultados para cada categoria.

TABELA 2
Resultado da Sequência (Result).

| Tipo de Sequencia | Quantidade | Percentagem |
|--------------------------|-------------------|--------------------|
| Abortada | 872 | 81% |
| Êxito Parcial | 77 | 7% |
| Êxito Total | 21 | 2% |
| Sem Êxito | 113 | 10% |
| TOTAL | 1083 | 100% |

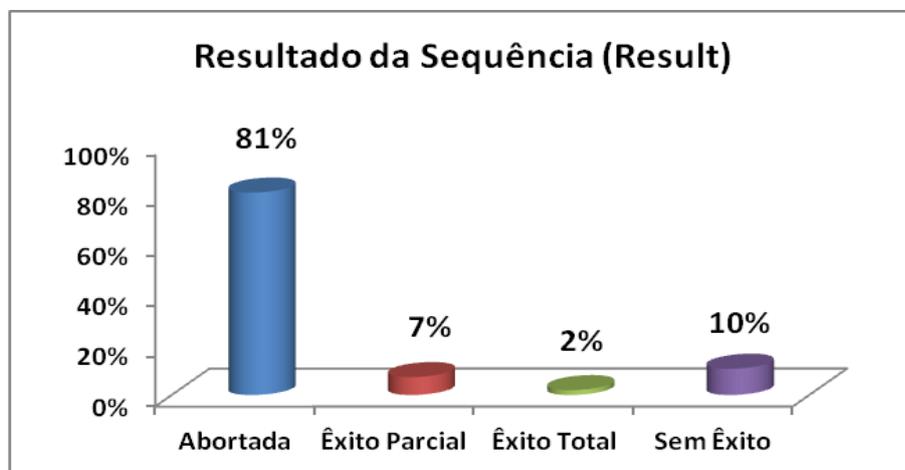


GRÁFICO 4 – Resultado da Sequência (Result)

O gráfico e a tabela acima evidenciam um número muito alto de jogadas abortadas e um número muito baixo de jogadas resultadas em gol (Êxito total). Posto isto, conforme os dados, podem-se deduzir que a equipe avaliada encontra dificuldades em construir jogadas que coloquem em risco a equipe adversária, pois há um percentual relevantemente maior para as jogadas abortadas, ou seja, que não chegaram a ser concluídas a gol.

4.1.4 Forma de Aquisição da Recuperação da Posse de Bola (FAR) / Local de Aquisição e Recuperação da Posse de Bola (LAR)

Para cada sequencia ofensiva (SO) existem diversas formas de como originou a SO bem como o local que foi recuperado a posse de bola, representadas pelas variáveis FAR e LAR. Para Soares (2009), existem espaços que devem ser utilizados conforme o modelo de jogo adotado pelo treinador, e esses espaços são definidos conforme o campograma abaixo:

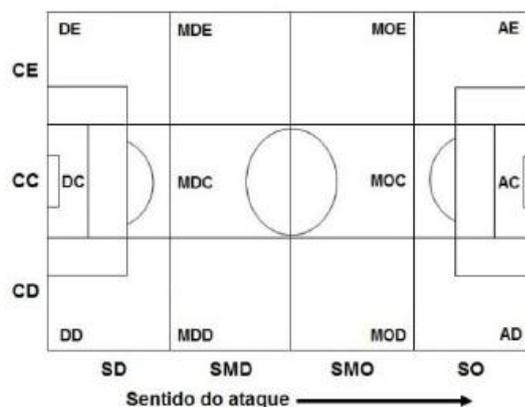


FIGURA 1 - Campograma relativo às diversas zonas do terreno de jogo: DD – Defensiva Direita; DC – Defensiva Central; DE – Defensiva Esquerda; MDD – Meia Defensiva Direita; MDC – Meia Defensiva Central; MDE – Meia Defensiva Esquerda; MOD – Meia Ofensiva Direita; MOC – Meia Ofensiva Central; MOE – Meia Ofensiva Esquerda; AD – Avançada Direita; AC – Avançada Central; AE – Avançada Esquerda.

O gráfico a seguir demonstra os valores em percentuais das formas como foi recuperada a posse de bola em diversas maneiras.

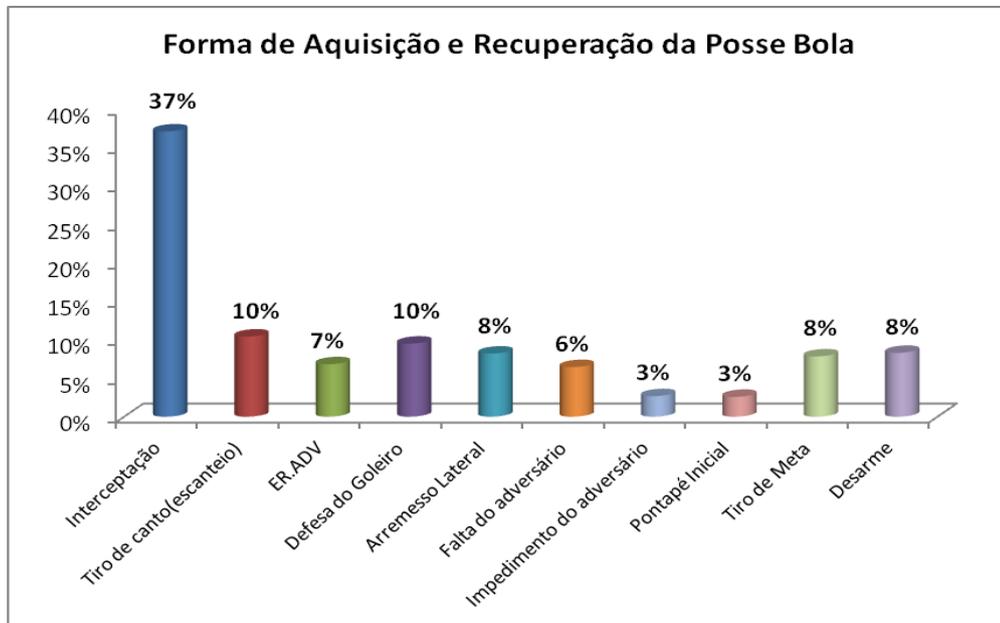


GRÁFICO 5 – Forma de Aquisição e Recuperação da Posse de Bola (FAR)

Observa-se nos dados apresentados no gráfico acima que a origem das jogadas concluídas em gol se deram predominantemente por interceptação, mostrando um índice de 37% para essa categoria. Para os demais itens não houve diferenças significativas quando comparadas à esse item. Desta forma podemos inferir que a equipe analisada possivelmente enfatiza a marcação sobre o adversário induzindo-o ao erro para assim recuperar a posse de bola adotando-se de uma estratégia defensiva para as construções das sequências ofensivas.

Noutro ponto o gráfico abaixo demonstra o local do campo onde ocorreram as recuperações da posse de bola. Os valores são mostrados abaixo:

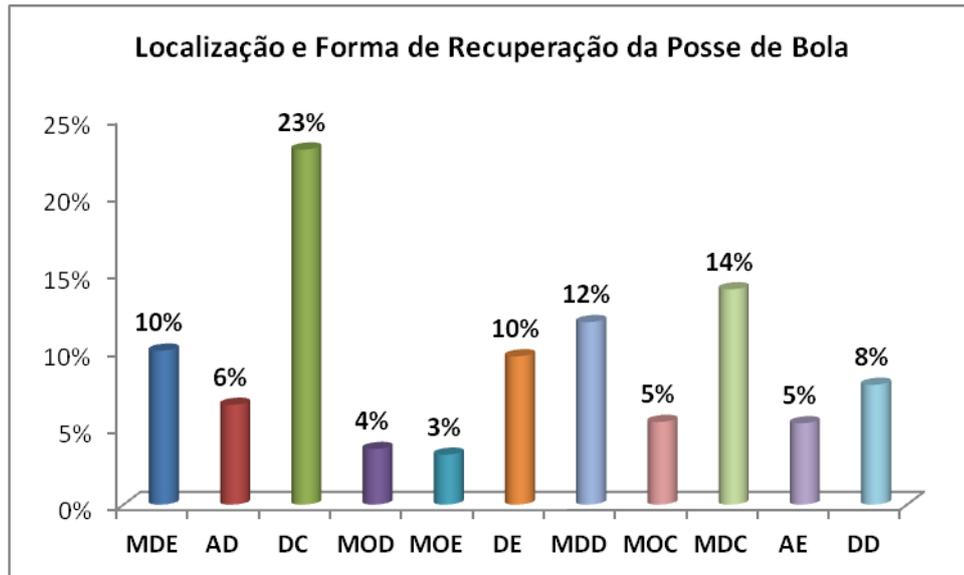


GRÁFICO 6 – Localização e Forma de Recuperação da Posse de Bola (LAR)

Os dados nos revelam que o local onde ocorreu grande parte das recuperações da posse de bola foram nas regiões denominadas defensiva central (DC) e meia defensiva central (MDC), sendo 23% e 14% respectivamente. Isso demonstra uma eficiência na marcação nesse setor de modo que isso torne uma vantagem na elaboração dos ataques ou contra-ataques.

4.1.5 Variáveis Quantitativas: TRA, NVC, Nct, Npr e NJ

O quadro abaixo mostra a média, desvio padrão, mínimo, máximo e Amplitude de variação das variáveis quantitativas: Tempo de realização do ataque (TRA), número de variação de corredor (NVC), número de contatos com a bola (Nct), número de passes realizados (Npr) e número de jogadores (NJ) que participaram da SO.

QUADRO 6

Média, Desvio Padrão, Mínimo, Máximo, Amplitude de Variação e Soma das variáveis quantitativas: TRA, NVC, N, Npr, NJ.

| Variável | Média | Desv. Padrão | Mínimo | Máximo | AV | Soma |
|----------|-------|--------------|--------|---------|---------|----------|
| TRA | 33,89 | 25,63 | 2.680 | 157.040 | 154.360 | 36.700 |
| NVC | 1,51 | 1,79 | 0 | 12 | 12 | 1.626 |
| NCT | 6,70 | 4,85 | 0 | 33 | 33 | 7.261 |
| NPR | 3,80 | 3,92 | 0 | 28 | 28 | 4.110,00 |
| NJ | 4,45 | 2,27 | 0 | 11 | 11 | 4.818 |

Segundo os achados na tabela acima, foram constatados resultados da Média e Desvio Padrão maiores que nos estudos de Soares (2009) na variável TRA e menores nas demais variáveis, NVC, Nct, Npr e NJ. Ressalto que no estudo feito por Soares (2009) foram avaliadas duas equipes campeãs europeias e no presente estudo a análise foi de uma equipe mineira do futebol brasileiro que disputou a série A do campeonato Nacional. Os valores da equipe do Barcelona no TRA foram de (29,26 e 18,76) e para equipe do Porto os valores foram de (21,43 e 14,29) em média e desvio padrão respectivamente. Nas demais variáveis os resultados do estudo de Soares 2009 foram menores ou semelhantes ao presente estudo, conforme mostrado no quadro abaixo:

QUADRO 7

Média e Desvio Padrão das variáveis NVC, Nct, Npr e NJ

| Variável | Barcelona | Porto |
|----------|-----------------------|-----------------------|
| | Média e Desvio Padrão | Média e Desvio Padrão |
| NVC | 2,48 ± 1,72 | 1,55 ± 1,25 |
| Nct | 21,46 ± 12,58 | 12,80 ± 9,03 |
| Npr | 6,80 ± 4,87 | 3,69 ± 2,23 |
| NJ | 5,35 ± 2,07 | 4,13 ± 1,98 |

Fonte: Adaptado de Soares (2009)

É importante esclarecer que o foco não é a realização de comparações com o estudo do autor citado, pois há muitas diferenças que impossibilitam a ocorrência de

comparações, a começar pelos estilos de jogo de cada equipe, torneios disputados e número de jogos avaliados em cada estudo.

Foi identificado ainda nesse estudo que a maior quantidade de gols ocorridos a favor da equipe avaliada aconteceu entre um tempo de 3 a 30 segundos conforme a tabela e o gráfico abaixo.

TABELA 3
TRA nas sequências ofensivas resultadas em gol

| Escola | Quantidade | Porcentagem |
|--------------------|------------|-------------|
| $\geq 3s \leq 30s$ | 11 | 52% |
| $> 30s \leq 60s$ | 4 | 19% |
| $> 60s$ | 6 | 29% |
| TOTAL | 21 | 100% |

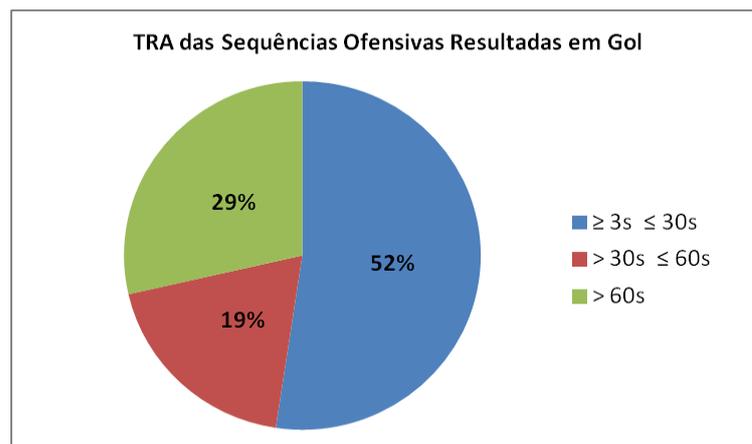


GRÁFICO 7 – TRA das Sequências Ofensivas Resultadas em Gol.

4.1.6 Eficácia Ofensiva Relativa (EOR) e Eficácia Relativa Absoluta (EOA)

A eficácia ofensiva relativa (EOR) pode ser calculada dividindo o número de remates à baliza pelo número de ataques multiplicado por 100. A eficácia ofensiva absoluta (EOA) se calcula dividindo o número de gols por número de ataques multiplicado por 100. Abaixo segue as fórmulas para os dois cálculos:

$$\text{EOR} = \frac{\text{N}^\circ \text{ de remates à baliza}}{\text{N}^\circ \text{ de ataques}} \times 100$$

$$\text{EOA} = \frac{\text{N}^\circ \text{ de gols}}{\text{N}^\circ \text{ de ataques}} \times 100$$

Os valores achados para os cálculos foram de 46,45 % para EOR e 9,95% para a EOA conforme representado no quadro abaixo.

QUADRO 8
Eficácias Ofensivas Relativa e Absoluta

| EOR | | |
|-------------------------|----------------|-----------|
| N° Remates a Baliza (A) | N° Ataques (B) | A/B x 100 |
| 98 | 211 | 46,45 |
| EOA | | |
| N° Gols (C) | N° Ataques (D) | C/D x 100 |
| 21 | 211 | 9,95 |

5 CONCLUSÃO

O progresso do futebol se deu através da eficiência física, tática, técnica, e psicológica dos atletas alcançando feitos incomparáveis, porém é notável que o aspecto tático das equipes destaca-se como um fator importante para obtenção de sucesso.

Estudos mostram que a análise de jogo é uma ferramenta importante para auxiliar metodologicamente os profissionais do âmbito esportivo. Diversas variáveis utilizadas no presente estudo contribuíram para traçar de um modo geral o perfil técnico e tático da equipe estudada, sendo elas: sequência ofensiva (SO), fim da sequência (FS), resultado da sequência (Result), local de aquisição e recuperação da posse de bola (LAR), forma de aquisição e recuperação da posse de bola (FAR), tempo de realização do ataque (TRA), número de variação de corredor (NVC), número de contatos com a bola (Nct), número de passes realizados (Npr) e número de jogadores (NJ).

Dentre as análises acima destacamos apenas as sequências ofensivas positivas que apresentou resultados muitos superiores às sequências negativas, com 88% contra 12% respectivamente.

Achados evidenciaram que a equipe estudada teve pouca eficiência no ataque no que diz respeito à meta do jogo. Das 1083 sequencias ofensivas positivas foi verificado que aproximadamente 81% dos ataques não foram concluídos em remates à baliza, e dessas, 25% foram abortadas por interceptação do adversário. Já com relação às ações ofensivas rematadas à baliza apenas 2% foram findadas em gol, deduzindo então uma possível ineficiência de ataque.

Também foi verificado no estudo que os ataques concluídos em gol apresentaram uma maior eficiência entre 3 a 30 segundos do total de tempo de realização do ataque. Considerando a escala de ocorrência da duração do ataque, 3 a 30 segundos, 30 a 60 segundos e maior que 60 segundos, 52% ocorreram dentro da menor escala apontada. Possivelmente a equipe tende a definir as jogadas em

ataques rápidos ou em jogadas de bolas paradas, ou ainda explorando contra-ataques.

Nota-se nas jogadas concluídas em gol que a origem da recuperação da posse de bola se dá predominantemente por interceptação, correspondendo à um índice de 37% para essa categoria. Além disso, o estudo mostrou que as recuperações da posse de bola aconteceram com ênfase nas regiões defensiva central (DC) e meia defensiva central (MDC). Dessa forma duas hipóteses podem ser identificadas, uma delas é uma possível estratégia estabelecida pela equipe para explorar contra-ataques e assim surpreender o adversário e a outra é que a equipe provavelmente é atacada constantemente pelos adversários.

Do que diz respeito à eficiência ofensiva o que pode constatar é que a EOR indicou um percentual de 46,45 % e a EOA indicou um percentual de aproximadamente 10%, demonstrando assim os achados das variáveis analisadas.

Conclui-se segundo as variáveis apresentadas que a equipe investigada teve dificuldades em aproveitar as ações ofensivas e concretizá-las em gol. Sugere-se em estudos futuros que sejam utilizadas novas variáveis com o intuito de enriquecer as análises técnicas táticas e assim contribuir para traçar um perfil técnico tático mais detalhado.

REFERÊNCIAS

BANGSBO, J. Physical conditioning. In: EKBLUM, B. **Football (Soccer)**. London: Blackwell Scientific Publications. V.1, Cap.10, p. 124-125. 1994.

BANGSBO, J. **Fútbol**: entrenamiento de la condicion física en el fútbol . Barcelona: Paidotribo . V. 3, Cap 2, p .55. 2002.

BAYER, C. **O ensino dos deportes colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

CAMPEIZ, J.M. **Futebol**: estudo da alteração de diferentes variáveis anaeróbicas e da composição corporal em atletas profissionais durante um macrociclo de treinamento. 2001. 153 f. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2001.

CANCIAN, *et al.* Avaliação física em futebolistas profissionais no início da pré-temporada. **Revista Digital**, Buenos Aires, V.15, p.146, Julio de 2010.

CARDOSO, F.M.M.S. **Necessidade de contextualizar a dimensão táctica no futebol**. 2006. 89 f. Monografia (Licenciatura na área de alto rendimento opção futebol) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, 2006.

CHAGAS, H. M.; ROSA, M. Futebol de Campo. In: GRECO, P. J. **Iniciação Esportiva Universal**: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Escola de Educação Física da UFMG. v. 2, cap. 6, p. 135 – 169, 1998.

CORREA, *et al.* Produtividade: a performance do jogadores de futebol profissional. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v.15, n..2, p. 447-460, 2002.

COSTA, *et al.* Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e esporte**, v.2, n. 9, p.41-61, 2010.

CUNHA, *et al* . Análise da variabilidade na medicação de posicionamento tático no futebol. **Rev. Paul. Educ. Fis.** V.2, Cap.15, p. 111-16, jul./dez. 2001.

DAOLIO, J. Jogos Esportivos Coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, v.4, p. 99-104, out. 2002.

DRUCSKY , R . **O universo tático do futebol: escola brasileira.** Belo Horizonte: Editora Health , 2003 .

FERNANDES, J.L. A preparação tática. In: **Futebol: ciência, arte ou sorte: treinamento para profissionais.** São Paulo: EPU, p.77-96. 1994.

GARGANTA, J. **Modelação tática do jogo de futebol:** estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. 309 f. Tese. (Doutorado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto , 1997.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo do futebol: moda ou necessidade? **Movimento**, v.5, n.10, 1999.

GARGANTA, J. A análise da performance nos jogos desportivos: revisão da análise de jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, V.1, n.1, 57-64 .2001.

GRECO, P.J .; BENDA, R.N .O sistema de formação e treinamento esportivo. In: GRECO, P.J.; BENDA, R.N. **Iniciação esportiva universal, da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte. Editora UFMG/Escola de Educação Física da UFMG. V. 1, Cap. 2, p. 55. 1998.

GRECO, P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos:** aplicação no handebol. 1995. 224.f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia Educacional) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

GIACOMINI, D. S.; GRECO, P. J. Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. **Rev. Port. Cien. Desp**, v.8, n.1, p.126-136, 2008.

HUGHES, M.; FRANKS, I. **Notational analysis of sports**. London: E & FN Spon, 1997.

KOLBE, A. **A importância da preparação tática no desempenho técnico em equipes de voleibol**. 2006. 49 f. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física) – Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista – UNESP- Júlio de Mesquita, Bauru, 2006.

LARANJEIRA, J.A.C. **Análise sequencial do processo ofensivo em futebol - Chelsea FC, época desportiva 2004-2005**: um estudo de caso. 2009. 203 f. Monografia (Licenciatura em Desporto em Educação física na área de alto rendimento) - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2009.

LEITÃO, R. A. A. **Futebol tático**: análises qualitativas como ferramentas de avaliação. 2001. 46 f. Monografia (Bacharelado em Treinamento Esportivo) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2001.

LEONARDO, L. **O desenvolvimento de modelos de análises do jogo através da compreensão do jogo**. 2005. Monografia (Bacharel em Treinamento Esportivo). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

MORENO, J. H. **Fundamentos del deporte**: analisis de las estructuras del juego deportivo . Barcelona: Indes Publicaciones,1994 .

OLIVEIRA, J. G. G. **Conhecimento específico em futebol**: contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino - aprendizagem / treino do jogo. 2004. 178 f .Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto, especialidade em Treino de Alto rendimento)- Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto ,2004 .

MARQUES, M. G. **Estudo descritivo sobre como adolescentes atletas de futebol e tênis de Porto Alegre percebem a psicologia do esporte**. 2000. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

MELO, V. P.; PAOLI, P. B.; SILVA, C. D. O desenvolvimento do processo de treinamento das ações táticas ofensivas no futebol na categoria infantil. **Revista Digital - Buenos Aires** , v. 11, p. 104 , 2007.

SAMULSKI , D .**Psicologia do esporte**. São Paulo: Manole .2002.

NUNES, A. C.; BRANDÃO, E.; JANEIRA, M. As habilidades técnicas e os níveis de competição em basquetebol: um estudo no escalão de seniores femininos. In: OLIVEIRA, J. Ed. **Estudos 4**. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Saúde e Sá - Artes Gráficas, 2004 .

RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e da modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 345 f. Tese. (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, P.J.;SOARES , J.M. Capacidade aeróbia em futebolistas de elite em função da posição específica no jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.1, n 2, p. 7–12, 2001.

SILVA, *et. al*, Avaliação funcional multivariada em jogadores de futebol profissional: uma metanálise. **Acta Fisiátrica**, v.4, n.2, p. 65-81, 1997.

SOARES, F. A. M. **Análise comparativa da eficácia ofensiva entre as equipas do F. C. Porto e do F. C. Barcelona**. 2009. 137 f. Monografia (Licenciatura na área de rendimento - Futebol) Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto, 2009.

SOUZA, P. J. V. **Organização do jogo de futebol**: proposta de mapeamento de situações táticas a partir da revisão da literatura e do entendimento de peritos. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto, especialidade em Treino de Alto rendimento). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto, 2005.

SOUZA, P. C.; PAULA, P. F. A.; GRECO, P. J. Táticas e processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. **Temas atuais em Educação Física e Esportes**, 5. Belo Horizonte: Health, 2000. p.11-27